
B O S I S I O
A D V O G A D O S

Discurso em homenagem a Hélio Saboya
(degravado e revisto)

Quis o acaso que a mim coubesse, por força do cargo de orador que ora ocupo em nossa casa, dizer o adeus do Instituto a Hélio Sabóia, homenageando-o.

A circunstância de recair, dentre nós, em um amigo de Hélio, a quem eu muito queria, essa missão, não é fruto de uma coincidência, antes a verificação do inevitável, porque aqui, em todos os seus pares, Hélio tinha fraternos amigos, e no coração de cada um ecoa esse mesmo saudoso lamento:

— Não mais a sua presença vibrante e participativa neste salão de nossas reuniões e debates, onde era costumeira;

— Não mais a verve do seu espírito, o carisma de sua pessoa, a força aglutinadora de sua liderança;

— A generosa entrega às missões e causas que elegia justas para a construção de um mundo melhor;

— O brilho da inteligência, a cordialidade do trato, o fervor do polemista, a franqueza do diálogo;

— E, sobretudo, não mais, não mais, o calor e o afeto transbordante da sua amizade.

Ouçó, em uníssono com a voz do Instituto, o ressoar de muitas outras vozes que se misturam com igual desconsolo pela perda e mesma admiração pelo homenageado.

Ouço a voz dos advogados que se levanta pelo destacado colega e líder, por eles eleito para representá-los e comandá-los na presidência da OAB/RJ, e que antes e depois disto se manteve ativo e atento na defesa das prerrogativas e interesses da classe.

Ouço a voz dos procuradores do Estado, esse qualificado segmento da nossa categoria, pelo colega que alto trouxe o prestígio da carreira, atingiu o seu ápice como Procurador Geral do Estado, e, alcançando a confiança de todos, foi eleito Presidente da Associação dos Procuradores do Estado.

Ouço o silêncio eloquente dos necessitados e afligidos, que as pastorais da nossa arquidiocese, e outras organizações filantrópicas, assistem, e para os quais Hélio trabalhou desinteressado e incansavelmente valendo lembrar a criação do Banco da Providência e o permanente esforço por sua manutenção, tendo Hélio como advogado e diretor da organização.

Ouço a voz dos cariocas e dos cidadãos do Estado do Rio de Janeiro, por cuja segurança Hélio assumiu a Secretaria de Estado da Polícia Civil e, característica sua, pela qual se manteve preocupado, criativo, e atuante, impulsionando a Ong Rio Contra o Crime, que implantou e mantém o Disque Denúncia.

E ouço, mais alto que todas as outras vozes, o vozerio interminável da imensidão de amigos, de todos os círculos sociais, das mais diferentes áreas, que Hélio cativava e cultivava com enorme carinho ao longo da vida.

Ouço uma multidão de vozes, porque Hélio era mais do que um, Hélio era multidão!

Hélio Saboia advogado bacharelou-se em 1957 pela PUC. Já antes disto, como estagiário, ingressou no escritório Motta e Fernandes Advogados.

Nunca deixou de ser advogado. Nunca deixou esse mesmo escritório. A advocacia era sua maior vocação. A persistência e a fidelidade um traço forte do seu caráter. Advogado excepcional, com *exuberante* domínio da profissão, a tenacidade o fazia adversário temível, mas a lealdade e a cordialidade do trato, a abertura ao diálogo, o fizeram conquistar entre os que foram seus opositores amigos para toda a vida. E aqui temos presente, para honra nossa, um bom exemplo disto, Sepulveda Pertence.

Hélio Saboia procurador, ingressou na Procuradoria do Estado em 1965. Para ele, que na advocacia valorava além de tudo a sua função pública, a Procuradoria foi um campo particularmente propício de atuação. A estima e o respeito merecido dos seus colegas procuradores espelha-se na sua eleição para a presidência da associação dos procuradores e, a final, na sua nomeação para Procurador Geral.

Nesta alta posição com o amplo conhecimento e experiência que ela requer, estava no cômodo e exuberante domínio dos meios para o seu prestigioso exercício, quando convocado para o cargo de Secretário do Estado da Polícia Civil.

Espinhosa missão em um momento no qual o sistema policial sofria uma crise aguda de credibilidade moral, especialmente difícil para quem não tinha conhecimentos especializados e experiência na área criminal e policial. Só um louco aceitaria esse desafio. Hélio Saboia era esse louco, e o aceitou. Na Secretaria da Polícia Civil empenhou-se na luta contra a corrupção interna, ele que era profundamente ético, obtendo os resultados melhores possíveis, e, com sua capacidade de diálogo, promoveu a otimização e harmonização do trabalho entre as secretarias. Valho-me aqui do testemunho do seu então colega de secretariado e grande amigo, o nosso Tício Lins e Silva.

Já não mais Secretário de Estado, mas com aquela sua persistência e fidelidade às lutas em que se empenhava, é que participou da organização da ONG "*Rio contra o crime*" que dá sustentáculo ao serviço "*Disque Denúncia*", de grande utilidade na repressão à criminalidade em nossa cidade.

Hélio Saboia, líder de classe, foi presidente da OAB/RJ no período de 1983 a 1986. Tenho orgulho de ter modestamente participado dessa gestão como conselheiro eleito, podendo testemunhar a sua dedicação ao serviço da classe, o equilíbrio da sua direção, o seu apego aos valores da democracia e à defesa das prerrogativas profissionais.

Hélio Saboia, membro do nosso Instituto, nele foi atuante, tendo participado das Comissões de Direito Constitucional e de Admissão, às quais trouxe importantes contribuições.

Amava o Instituto. A última vez que pude encontrá-lo, cruzamo-nos no calçadão de Ipanema quando ele caminhava à beira-mar.

Com a generosidade de sempre, elogiou um discurso que eu havia proferido na casa, para logo, severo, reprovar-me: - *"Mas você precisa comparecer e participar mais. O Instituto precisa de todos nós!"*

Por certo, a terrível doença, que de todos ocultava, já o consumia.

Não pude, então, atendê-lo, como era de meu desejo, e agora, que aqui estou, já, desgraçadamente, não nos pode ouvir...

Outro Hélio, menos conhecido: - o *"subversivo encarcerado."* Sim, quando sobreveio o golpe militar de 1964, Hélio estava em Brasília, como diretor e secretário da Superintendência da Reforma Agrária, SUPRA, cujo superintendente era o seu amigo Pinheiro Neto.

Reforma Agrária? Nada mais subversivo...

Os amigos procuraram ocultá-lo da repressão brutal e ignorante, que escureceu o país. Nessa tentativa de proteção, foi ele parar na casa de campo em Teresópolis do advogado, colega de escritório e da Procuradoria, amigo da vida inteira, Pedro Paulo Cristófar, a quem devo esta história.

Mas eram *"subversivos"* ingênuos e amadores ambos: Hélio e Pinheiro Neto.

E esse último, palrador incontido, de um telefone qualquer, esquecido da escuta clandestina, ligou para o Hélio, combinando encontro no "*D' Angelo*", em Petrópolis.

Nem bem se sentaram, chegou a polícia. Tinham vindo prender o Superintendente do SUPRA.

Hélio logo voluntariou-se:

— Então eu vou também!

— Não Senhor! Nossa missão é prender o Superintendente do Supra. A viagem é longa, o carro apertado. Não pode ir não.

Hélio insistia. E, a final, impressionou: - "Se ele vai preso, eu tenho que ser também."

— Mas quem é o Senhor?

Deu-se importância:

— O Secretário-Executivo do SUPRA!

— O quê? Um simples secretário! Fica!

Ficou bufando...

Mas não foi esquecido.

Deixemos que ele mesmo narre o episódio para saborearmos aquela sua verve, lendo o que escreveu em livro de homenagens a Evaristo de Moraes Filho, o "*Evaristinho*":

"Tive a honra — e muita honra — de ter sido seu companheiro de prisão, quando se cimentou a nossa amizade, já iniciada no fôro e nas mesas do Lidador, do Pardelas, do Vilariño e de outros menos votados.

Eu havia sido "recolhido" alguns dias antes da chegada do Evaristo. Ele não ficou engaiolado muito tempo. Lá fora, todos os seus inúmeros aigos se movimentaram. Ricardo Pereira Lira acionou o Marechal Dutra, de quem Evaristinho havia sido advogado. E Dutra, atropelando o comando indefectável e invisível da auto-denominada Revolução, deu uma única alternativa ao Cenimar: ou libertavam Evaristinho ou ele, Dutra, iria buscá-lo.

Prevaleceu a primeira alternativa. Evaristinho, para tristeza dos que ficaram, bateu asas. Mas não esqueceu dos seus companheiros. No meu caso particular — juntamente com meus agonizados e incansáveis colegas de escritório e de Procuradoria do Estado (que se mostraram muito mais do que colegas, verdadeiros e incondicionais amigos) — ficou se virando à torto e à direita para me ver fora da cela. E, no início de 1969, depois de um Natal e de uma passagem de Ano Novo por demais "reservadas", mas mesmo assim festejadas, fui para a rua. E, três dias depois, recaída: a segurança nacional mais uma vez me requisitava: e fui dar com os costados em um quartel da PM na Gamboa, onde fiquei quase 20 dias à disposição da 2ª Seção do então Ministério da Guerra.

Um ano depois do período sob o mesmo teto com Evaristinho, fui, na ante-véspera do carnaval de 1970, contatado para novas entrevistas. Indiscutivelmente, haviam gostado muito de mim. Mas, desta vez meus advogados não me deixaram ser guinchado. Na linha de frente, os eminentíssimos Drs. Evaristo de Moraes Filho e George Tavares, e, na de traz, o mais insigne jurista deste País, o mais imortal dos imortais, o ex-tudo e o sempre advogado Evandro Lins e Silva. Mas esta é outra história. Depois eu conto”.

Advogado, procurador, homem público, líder de classe, membro atuante de diversas entidades e do nosso Instituto, cidadão participante, querido nos mais diversos cálculos sociais, e muito mais, são tantos os Hélios que até poder-se-ia supor, nessa multiplicidade, uma dispersão tumultuária e debilitadora de propósitos e resultados.

Mas não!

Sob esta aparente diversidade, havia uma coerência profunda, e em todos os lugares estava sempre o mesmo Hélios, animado pelo mesmo impulso, aquele que outro de seus grandes amigos, Tércio Lins e Silva chamou de *"compulsão de solidariedade"*, o irrefreável movimento em direção ao próximo, para ajudar, amparar, defender, erguer, servir.

Por isto não era a vida, para ele, aquela *"agitação feroz e sem finalidade"* mas tinha, sim, sentido, dignidade e beleza: o de que nossa passagem sirva à construção de um mundo melhor.

Por isto, creio, amava a vida.

Amava a vida, amava o sol, amava o mar, amava o seu trabalho, a sua missão, os seus amigos, o seu próximo. Amava, com paixão, a sua mulher Mercedes, a quem devemos a mercê de o nosso Hélios ter encontrado apoio, paciência e carinho em todos os momentos, mesmo os mais difíceis, da sua vida.

Amava com desvelo, e como se fossem sempre crianças pequenas, os seus filhos, nosso querido colega Helinho, Paula, Vera, Marcos.

E mesmo diante da contrariedade poderia cantar a canção de Gonzaguinha: *"a vida poderia ser melhor e será, mas isto não impede que eu repita: é bonita, é bonita e é bonita."*

Esse é o Hélios que perdemos.

Era poderosa a sua presença. Será poderosa a sua ausência.

Mas encontro consolo nas palavras de um poeta que dizem da sua maravilhada surpresa ao ver que feridas muito duras de sofrer podem deixar cicatrizes doces de sentir.

A perda de Hélio é uma ferida ainda aberta, que arde e dói. Mas um dia cicatrizará. Esta cicatriz, marca de sua passagem em nossas vidas, nos trará doces recordações: dos momentos da vida junto a ele vividos, nas tribunas advocatícias ou nas mesas dos bares; nas suas trincheiras de luta ou nos salões de festa; nos conclaves de nossa classe ou nas caminhadas ao longo da praia, mas sempre vida vivida com honra, dignidade e afeto.

A vida, senhores, não é mais do que um clarão muito breve.

Bem aventurados os que, nesta luz, puderam iluminar o caminho e aquecer o coração do próximo!

Hélio fez isto.

Não nos esqueceremos.

BOSISIO ADVOGADOS

Rua São José, n° 70, 11° e 12° andares

Centro - Rio de Janeiro

CEP. 20010-020

Tel.: (21) 3575-3080

e-mail: boisio@boisio.com.br